

A crise na Europa*

Karl Marx

Londres, 18 de dezembro de 1857

A correspondência do Niágara chegou ontem, e um cuidadoso exame dos arquivos de nossos jornais britânicos apenas confirma as opiniões que ultimamente tivemos que expressar com relação ao curso provável da crise na Inglaterra. O mercado financeiro de Londres está decididamente melhorando, o que significa dizer que o ouro se acumula na caixa-forte do Banco da Inglaterra; a demanda por descontos no Banco decresce; e os títulos de primeira linha podem ser descontados no *Lombard Street*, de 9 1/2 a 9 3/4%; os fundos públicos são estáveis e o mercado de ações participa neste movimento em alguma medida. Este aspecto agradável das coisas é, entretanto, muito prejudicado pelas grandes falências que ocorrem a cada dois ou três dias em Londres, pelos despachos diários, tristes mensageiros dos desastres provincianos e pelo alarido do *The London Times*, que mais do que nunca vaticina contra a corrupção geral e incurável das classes mercantis britânicas. De fato, a comparativa facilidade com a qual títulos irrepreensíveis são descontados, parece ser mais do que compensada pela dificuldade crescente de encontrar títulos que podem passar por irrepreensíveis. Consequentemente, é dito, nos artigos mais recentes de Londres sobre as questões financeiras, que na *Threadneedle Street*¹ as atividades são extremamente “limitadas” e que na *Lombard Street* somente pequenos negócios são feitos. Ainda mais, como a oferta da parte do Banco e das casas de descontos está aumentando – embora a pressão sobre eles, a demanda da parte de seus clientes, esteja diminuindo – o mercado financeiro pode-se afirmar é comparativamente tranquilo. Contudo, os diretores do Banco da Inglaterra não têm ainda ousado reduzir a taxa de desconto, convencidos de que pareceria que o retorno da crise monetária não é uma questão de tempo, mas de percentagem e que, consequentemente, quando a taxa de desconto abaixar, é certo que a crise monetária surgirá novamente.

Enquanto o mercado monetário de Londres, de uma forma ou de outra, tornou-se assim mais tranquilo, a rigidez do mercado inglês de produtos está aumentando em intensidade, uma contínua queda nos preços não é capaz de superar

* Título de acordo com o *New York Semi-Weekly Tribune*. Primeira publicação no *New York Daily Tribune*, nº 5213, em 5/1/1858, como artigo principal e reeditado no *New York Semi-Weekly Tribune*, nº 1316, em 5/2/1858. Traduzido por Paulo Barsotti e revisado por Jair Pinheiro.¹ Nome da rua onde se situa o Banco da Inglaterra.

a crescente indisposição para compra. Mesmo artigos como o sebo, por exemplo, que anteriormente se constituiu como uma única exceção à regra geral, agora por meio de vendas forçadas foi obrigado a ceder. Comparando os preços correntes da semana que termina em 18 de dezembro com aquelas de novembro, parece que a extrema depressão nos preços, que prevaleceu no último mês, foi novamente alcançada; desta vez, entretanto, não como pânico, mas sob a forma metódica de uma escala móvel. Quanto aos mercados de manufaturados, uma das mais sérias crises industriais que prevíamos² se manifesta agora em meia dúzia de falências de tecelões e fiandeiros de Lancashire, das três casas principais do comércio de lã em West Riding e uma firma importante de tapeçaria em Worcester.

Uma vez que o fenômeno desta dupla crise, no mercado de produtos e entre as classes manufatureiras, se tornará cada vez mais palpável, nós nos contentaremos, no momento, em citar a seguinte passagem de uma carta particular que foi endereçada à nossa coluna:

Da contínua pressão no mercado e de seus efeitos desastrosos, dificilmente pode-se formar qualquer noção. Ninguém consegue vender. Cada dia ouve-se cotações mais baixas. As coisas chegaram a um ponto tal que pessoas respeitáveis preferem não oferecer, de modo algum, suas mercadorias. Fiandeiros e tecelões encontram-se em total desespero. Nenhum corretor vende fios aos tecelões, exceto à vista ou com uma dupla garantia. É impossível por este estado de coisas prosseguir sem terminar num terrível colapso.³

A crise da Hamburgo mal abrandou. Este é o exemplo mais clássico e regular de uma crise monetária como jamais existiu. Tudo, exceto a prata e o ouro, tornou-se sem valor. As firmas antigas faliram porque foram incapazes de pagar em dinheiro um único título que tenha vencido, embora em seus caixas haja títulos de cem vezes mais o seu valor que, entretanto, no momento estão sem valor, não porque estejam desacreditados, mas porque eles não poderiam ser descontados. Assim, somos informados que a velha e rica Ch. M. Schöeder antes de sua bancarrota, havia recebido uma oferta de 2 milhões em prata de L. H. Schöeder, seu irmão de Londres, que obteve a seguinte resposta telegráfica:

“Três milhões ou nada.” Os três milhões não vieram e Ch. M. Schöeder faliu. Um outro exemplo é aquele de Ullberg & Cia., uma firma muito falada na imprensa europeia, cujas obrigações totalizando 12 milhões de marcos, incluindo 7 milhões em letras de câmbio, tinha, como agora aparece, um capital de apenas 300.000 marcos como base destas enormes transações.⁴

² A crise de Hamburgo.

³ Marx parafraseia a carta de Engels de 17/12/1857.

⁴ Para a descrição das falências de Hamburgo, Marx utilizou os fatos citados por Engels em sua carta de 7/12/1857.

Na Suécia e, notadamente, na Dinamarca, a crise aumentou bastante em violência. O retorno do mal, depois que ele parecia ter passado, se explica pelos prazos de vencimentos aos quais as grandes demandas de Hamburgo, Estocolmo e Copenhague estão submetidos. Durante dezembro, por exemplo, 9 milhões de títulos sacados pelas firmas de café do Rio de Janeiro contra Hamburgo venceram e foram todos protestados, e esta massa de protestos criou um novo pânico. Em janeiro, os títulos do frete de açúcar da Bahia e Pernambuco provavelmente terão a mesma sorte e causarão semelhante retorno da crise.